



Última canção do poeta bebedo

(Maurice Magre)

Eu tinha um chapéo pontudo,
Um jaleco de velludo,
Tudo para te agradar.
Ao fulgor do céo esquivo,
Olhavamos, sem motivo,
A branca estrella polar.

Um bello dia encontrámos,
Occulto entre verdes ramos,
Delicado lyrio azul.
Como o fizeste á minha alma,
Quebraste-o com toda a calma.
O' minha terna alma exull

A velho poço encostados,
Pensavamos, enlevados,
Em que, ao certo, não sei.
E tomei tres peças de ouro
Que eram todo o meu thesouro
E ao poço escuro atirei.

Ai de mim! eu não sabia
Que com meu ouro caia
No abysmo meu coração!
Isso fiz para mostrarte
Que mais me valia — amar-te
Que os bens deste mundo vão.

E tu me disseste: «Dá-me,
Para que eu constante te ame,
Os thesouros de um rajah.
Dá-me uns brincos da côr da onda,

Faz-me rainha de Golconda,
Da Circassia, ou de Bagdad.»

E eu te disse: «Eu parto!» E a esmo
Parti nesse dia mesmo
Em busca do sceptro real.
Na estrada os desconhecidos
Murmuravam compungidos:
«Pobre homem! que extranho mal!»

Eui bater, já noite morta,
De uma estalagem á porta.
Nesse ridente paiz
Do vinho e da incontinencia
Ia eu aprender a sciencia
De reinar e ser feliz.

«Traze-me vinho, bom vinho!
Chego exhausto do caminho.
Hospedeiro, meu senhor,
Conserva bem na memoria
Os lances de minha historia
Feita de lutos e dor.

«A que amo é como a açucena,
E' pura, bella e serena;
Seu sorriso é de encantar.
E' ingenuo seu lindo aspecto
Porém, quem lhe quer o affecto
Precisa ter e gastar...

«Hospedeiro, oh, tem piedade!
Seu olhar tal claridade,
Taes fluidos de amor contem,
Que eu, de magua ou de alegria,
Chorava sempre que o via!
Talvez chorasses tambem.

«Dize-me aqui: não podias
Desta aldeia e cercanias
Acaso fazer-me rei?

Hei de ser clemente e justo,
Desde que aqui se erga um busto.
A'quelle a quem me votei.

«Ah! tu ris!... oh! lança, entorna,
Todo o vinho de tua dorna
Que applaque este meu soffrer!
Convem tambem te guardares
Contra os ingenuos olhares
Que nos levam a morrer.

«Só terei por testemunhas
Os corvos de aduncas unhas
E e o negro môcho que ri.
Vou enforcar-me — pouco importa!
Bem defronte de tua porta
Naquelle carvalho ali.

«Irás depois procura-l-a
E deste meu fim lhe fala.
Bordando e sonhando ao pé
De velho poço has de vel-a.
E' facil reconhecer-a,
Tão bella, tão linda que é!

«Dir-lhe-ás então: «Elle ria
«E zombava nesse dia
«Em que seus males findou.
«Eis aqui o que o recorda:
«Trago um pedaço da corda
«Com que o pobre se enforcou.

«Guardae-a, senhora; ella ha de
«Trazer-vos felicidade;
«Ella é um penhor do amanhã.
«Para os fugazes destinos
«Dos amores femininos,
«Essa corda é um talisman...»

Rio, 918.

Arnaldo Damasceno Vieira.